



**Thomas Carlyle.**

"Literature is a form of consciousness, and literary criticism is the analysis of this form in all its varieties."

J. Hillis Miller

A cultura inglesa caracteriza-se pela sua tradição dinâmica, ou seja, pela sua capacidade de evoluir mantendo as tradições, aceitando contudo, simultaneamente, mudanças drásticas desde que inevitáveis e necessárias. Nesta conformidade, é frequente, ao tentar caracterizar a época vitoriana, fazer referência ao dualismo existente em todos os campos da vida cultural inglesa naquele período. Este dualismo foi já até considerado como um síndrome vitoriano visto que revela algo de fundamental para a estrutura do modo de pensar de então. Alguns críticos atribuem a causa desses contrastes dialécticos a uma ruptura e a um desvio do reino da obediência e do uso da Razão característicos do Iluminismo, a que se referia Kant em *Was ist Aufklärung?*.

Michael Goldberg, na sua obra *Carlyle and Dickens* (1972), afirma que Thomas Carlyle procurava estabelecer o equilíbrio entre os princípios antitéticos, entre as polaridades hostis, que dividiam o mundo vitoriano. Sabendo que, para Carlyle, os grandes escritores tinham uma missão profética, que eram vistos por ele como profetas que forjavam a consciência não formada da sua raça, facilmente se conclui da importância do papel deste pensador para a evolução da cultura inglesa. Carlyle era, tal como afirmava Emerson, "a sort of portable cathedral bell" e, segundo Harriet Martineau, "the first teacher of our generation".

Uma vez que a nossa época já foi classificada como "a culture-conscious age", é evidente que ela deve ter beneficiado

algo da herança do "Victorian sage" que foi Carlyle. Se, com efeito, se pretender integrar a obra de Carlyle no espírito da sua época, somos forçados a alargar a área da nossa análise pois é indiscutível que o pensamento deste autor toca praticamente em todos os inúmeros e variados aspectos da cultura do século XIX. As nossas referências saem assim, obrigatoriamente, de um âmbito restrito já que as linhas mestras do pensamento carlyleano vão desde a estética alemã, do conceito de História e do famoso "Gospel of Work", em que defende as virtudes do trabalho, até à crítica literária, à ética e ao problema da imitação como veículo de transmissão cultural.

É evidente que um autor, cuja obra encerra uma riqueza tal de áreas de pensamento e de temas, teve grande importância para a cultura inglesa e até para a europeia. Por outro lado, é significativo lembrar a este propósito que, apesar desta grande complexidade de pensamento, Carlyle não descurou as técnicas que utilizou para o exprimir. Richard Altick, no seu ensaio "Past and Present: Topicality as Technique", designou estes processos como técnicas de estimulação. Estas vão desde o recurso a artifícios próprios do teatro e do jornalismo e da intervenção do autor na narrativa até ao efeito de "suspense" e à técnica fotográfica de aproximação e afastamento.

Por todos estes motivos, é indiscutível que Thomas Carlyle é dos grandes nomes da literatura inglesa e teve um papel determinante na história das ideias. A verdade, porém, é que, não obstante as anteriores afirmações, ao fazer o ponto da situação dos estudos carlyleanos e da evolução da fortuna crítica da sua obra, se verifica que ele é um autor muito controverso. Esta situação é sobretudo decorrente do seu pensamento político. De facto, Carlyle, com as suas teorias sobre o culto do herói e as referências aos poderes do homem, "the might of man", em detrimento dos seus direitos, "the rights of man", veio a ser conotado com as ideias totalitaristas de extrema direita, havendo até quem afirme que foi o pensamento de Carlyle que, entre

outros, serviu de base à ideologia do nazismo. Todavia, Philip Rosenberg, na sua obra *The Seventh Hero-Thomas Carlyle and the Theory of Radical Activism* (1974), compara a actividade de Carlyle no campo da cultura na época vitoriana aos movimentos estudantis dos anos 60. Sabemos também que Engels baseou a sua famosa obra *Conditions of the Working Class in England in 1844*, em citações de Carlyle. Na verdade, cerca de um quarto do estudo de Engels é, de facto, constituído por excertos de textos de Carlyle. Pode, pois, afirmar-se que *Chartism*, publicado em 1839, e *Past and Present*, em 1843, serviram de base ao manifesto comunista que Engels escreveu em colaboração com Karl Marx.

Porém, tal como cita Murray Baumgarten, no volume intitulado *Carlyle: Books and Margins* (1980), alguns anos mais tarde, Karl Marx e Friedrich Engels, ao fazerem uma recensão crítica de *Latter Day Pamphlets*, atacam ferozmente Carlyle que classificam de reaccionário. Consequentemente, levanta-se a questão de saber como classificá-lo de um ponto de vista político. Será que ele era um pensador radical de esquerda ou, pelo contrário, um conservador e mesmo um racista? Tendo ele defendido posições aparentemente nos dois campos, a única posição correcta parece ser a de concluir que a sua ideologia política era afinal ambígua.

Como quer que seja, o problema tem interesse de vários pontos de vista e mereceria uma análise profunda num estudo mais amplo, sobretudo devido à estreita relação entre cultura e política que tão claramente se afirma existir nos nossos dias. A fim de poder responder às perguntas que a este propósito se levantam, há que ter em consideração a própria evolução do conceito de cultura. Impõe-se, actualmente, ter uma visão plurifacetada dos problemas culturais. Devido à natureza complexa e multidimensional do conceito de cultura, não podemos continuar a considerar apenas a sua relação com a estrutura social. Sucede até que alguns estudiosos, perante as

dificuldades que encontram, são de opinião de que tal relação não se deve estabelecer. Pensa deste modo Morse Peckham que, na sua obra *Beyond the Tragic Vision-The Quest for Identity in the Nineteenth Century* (1962), afirma:

The long intellectual struggle to define culture, to circumscribe a society by definition, to set up rules, to govern the use of such phrases as 'socio-cultural entity' has produced no widely accepted result.

Como já disse, não é minha intenção fazer aqui um estudo minucioso deste tipo de problemas mas sim proceder apenas a um levantamento e salientar a relação desta problemática com o pensamento de Carlyle. É, sem dúvida, de mencionar o facto de que, seja como for que se pretenda definir cultura, tem de se reconhecer que foram as sementes lançadas por Carlyle que deram os frutos que, hoje em dia, estamos a colher no campo da teoria da cultura e da análise cultural.

À guisa de exemplo, refiro três pensadores contemporâneos que, até certo ponto, se podem considerar herdeiros de Carlyle e que deram contribuições muito importantes para a evolução da epistemologia cultural no nosso tempo. Em primeiro lugar, menciono Jean-Paul Sartre, sobretudo em relação ao conceito de intelectual e ao lugar do artista na sociedade. A obra de Sartre *Qu'est-ce que la Littérature?*, que resultou de uma série de artigos publicados em *Les Temps Modernes* em 1947, contém as ideias sartreanas acerca do papel do intelectual na História. O intelectual, segundo Sartre, surge como alguém que utiliza a escrita como uma forma de acção no mundo e que, utilizando os seus termos, está "engagé". Esta noção de intelectual que, além de interpretar o mundo, actua sobre ele e procura mudá-lo, esta visão da literatura como uma actividade que pretende fazer história e sair do campo da *exis*, da passividade, para o da *praxis*, é familiar aos leitores de Carlyle. Foi ele, com efeito, que tão longamente escreveu sobre o papel e a actuação do artista na sociedade, referindo-se-lhe como "the hero as man of letters".

A propósito da controversa teoria carlyleana do culto do herói, tal como já sucedeu com Sartre, também seria de fazer referência a Joseph Campbell e à sua obra *The Hero with a Thousand Faces* (1949). Campbell, que segue o que se pode considerar a escola junguiana, debate neste seu estudo alguns dos problemas levantados por Carlyle, tais como o facto de a condição de herói estar predestinada, o princípio do livre arbítrio e o corolário moral da responsabilidade do indivíduo. Joseph Campbell, que é também autor da obra intitulada *The Masks of God* (1959-69), é um grande estudioso da mitologia e, na obra acima referida, examina através do mito do herói a luta eterna do Homem em busca da sua identidade.

O terceiro autor, cujo nome também ocorre a propósito do de Carlyle é, sem dúvida, Michel Foucault, que, ao longo da sua obra, estudou sobretudo a relação entre o conhecimento e o poder e a função deste último na sociedade. Foucault, em *Les Mots et les Choses* (1969) e sobretudo em *Power-Knowledge: Selected Interviews* (1980), refere-se longamente à forma como a cultura tem produzido diferentes espécies de indivíduos que são subjugados pelos excessos do poder. No seu ensaio "Truth and Power", além de analisar as várias formas de poder, Foucault fala – tal como Carlyle e mais tarde Sartre – do intelectual, cuja missão, como a de "the sage, the seer" referidos por Carlyle, era dizer a verdade ao poder em nome da razão universal, da justiça e da humanidade. Na opinião de Foucault, expressa em *What's an Author?*, esse intelectual foi substituído pelos escritores e, assim, a importância histórica do autor na literatura aumenta e a sua função excede a da própria obra.

É por demais evidente como a figura tutelar do profeta vitoriano, com os seus interesses e debates sobre a relação da história com o indivíduo – e a sua criação de um herói como Frederico, o Grande, que procurava sobrepor-se à própria história – está presente no pensamento de Sartre, Joseph Campbell e Michel Foucault. Entre as múltiplas pistas e linhas de inves-

tigação que se podem encontrar neste campo, existe uma que gostaria de destacar e que, aliás, me foi sugerida pela leitura de um texto de Jorge de Sena. Será que se pode considerar que em Portugal também houve um herdeiro do pensamento de Carlyle? A resposta poderá ser afirmativa se se pensar em Oliveira Martins, cujas noções do conceito de história e da sua evolução nos tempos modernos teriam sido inspiradas pelas ideias de Carlyle.

As considerações anteriormente feitas acerca de possíveis influências das teorias de Carlyle e sobre a sua contribuição para a cultura contemporânea podem levar-me a concluir este breve ensaio com as palavras de Sidney a propósito de Chaucer:

I know not whether to marvel more, either that he in that misty time could see so clearly or that we in this clear age walk so stumbly after him.